

Os políticos e os outros

Ouvi há dias, num conhecido programa de televisão, um colega professor de direito dizer, em certo momento, que não ouvira até então nenhuma intervenção que defendesse aqueles que se dedicam ao exercício da actividade política, tendo, ao invés, proliferado as críticas negativas.

A afirmação suscitou-me a reflexão que incluo nestas linhas.

Ninguém duvidará que a tendência para desconsiderar os políticos se encontra radicada na sociedade portuguesa. Basta ler os jornais. Ou observar o tom insolente com que os políticos são tratados na televisão. Resultará ela apenas de um preconceito, assente na ideia de alteridade, quando não oposição, em relação ao poder (os políticos, “eles”, os “malandros”), eventualmente reforçado pela nossa infeliz situação actual, ou haverá algo de mais profundo por detrás de tal aversão?

Olhando à minha volta, para os meus amigos e colegas mais próximos, verifico que a esmagadora maioria nunca teve, nem quis ter, nem deseja ter, qualquer intervenção política, nomeadamente no plano partidário – muito embora muitos tenham, ou tenham tido, intervenção cívica relevante. E estou a falar, numa maioria de universitários, detentores das mais elevadas qualificações.

Quando se olha para a chamada “classe política” – que cada vez tem menos classe –, o panorama geral é desanimador¹. A maioria dos nossos agentes políticos é francamente medíocre: nas tontices e dislates que profere, na falta de verticalidade e de sentido de responsabilidade, no que não diz e muitas vezes insinua, no que faz e, sobretudo, no que não faz. Até os jornalistas, que têm contribuído o melhor que podem e sabem para denegrir a imagem dos políticos, manifestam incómodo – já não digo

¹ Panorama que se pode estender a outros países: quantos ilustres franceses e italianos não se remexerão nas tumbas, ouvindo e vendo, com incredulidade e angústia, personagens de folhetim de gosto duvidoso, como o actual presidente dos primeiros, ou caricaturas lastimáveis, como o primeiro-ministro dos segundos?

vergonha, porque é espécie em vias de extinção – com cenas pouco edificantes que se passam no parlamento.

A ideia com que se fica é que a “classe política” é essencialmente constituída por uma fatia subqualificada de portugueses que, não tendo inteligência, nem capacidade, nem competências para mais nada, encontraram na arena política (o uso da palavra “arena” é, neste contexto, particularmente elucidativo...) o único lugar em que podem sobreviver e prosperar – e, se forem “espertos” e empenhados no trabalho de *networking*², garantir um emprego acima das suas capacidades depois de abandonarem a política activa. Os outros, que sabem, podem e querem exercer uma actividade profissional ou empresarial, esses estão “noutra”, fazendo pela vida noutros palcos.

É cada vez mais raro encontrarmos um agente político que, para além da sua intervenção política, seja objecto de reconhecimento público noutra qualquer actividade. A expressão “carreira política” ilustra esta realidade.

Como chegámos a este ponto? A resposta parece-me simples: chegámos aqui por nós, os outros, os que não quiseram intervir, abandonámos o jogo político. Não tivemos paciência, nem resistência, nem espírito de sacrifício. Não quisemos desperdiçar noites em reuniões partidárias maçadoras; não quisemos consumir os dias de cada campanha eleitoral viajando desconfortavelmente milhares de quilómetros pelo País para ouvir sempre os mesmos slogans imbecis, acompanhados de música pimba e pastéis de bacalhau; não quisemos marcar presença em tomadas de posse e velórios de gente que não nos dizia nada; não aceitámos dividir o mundo entre nós, os “bons”, e os outros, os “maus”, os dos outros partidos.

Eles, os políticos, aceitaram as regras do jogo, condimentando-as com superficialidade, memória curta, maniqueísmo infantil q. b. e, sobretudo, com uma generosa porção daquilo que mais os distingue, na expressão prosaica comum: lata!

² Soa melhor em inglês do que tráfico de influências.

João Caupers

Professor Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa

Para ser exacto, mais do que aceitar, resignaram-se, investindo no futuro. As mordomias que lhes apontamos são os juros do investimento. Vai ser muito difícil livrarmo-nos deles: sobretudo porque teríamos de nos sacrificar nós.